

CAMPANHA SALARIAL 2015

Sindicato cumpre deliberação da Assembleia Geral e mantém mobilizações nas fábricas



Paralisação na LIESS

OPINIÃO

A serviço de quem?

A Campanha Salarial dos metalúrgicos de Canoas e Nova Santa Rita caminha para o 5º mês sem que haja um acordo entre o sindicato dos/as trabalhadores/as e o sindicato patronal.

Agora em agosto, após a realização da assembleia geral do dia 29 de julho, que rejeitou a proposta patronal rebaixada e decretou estado de greve, o sindicato partiu para fazer mobilizações mais fortes na categoria. Paralisações de um dia ou de meio dia foram realizadas em várias fábricas de Canoas e Nova Santa Rita.

O objetivo, além de conscientizar os trabalhadores/as da importância de aderirem ao movimento para conquistar um reajuste digno, é forçar os patrões a ceder, melhorando sua proposta.

Pra justificar sua proposta, o sindicato patronal adota o discurso de crise, mas ignora que mais de 10 importantes empresas estão pagando desde maio, no mínimo, as perdas inflacionárias, e muitas outras estão colocando seus funcionários a fazer horas extras, inclusive em fins de semana. Porém, na mesa de negociação, insiste impor a proposta de reajuste parcelado da inflação do período (8,34%), em duas vezes: 4,5% retroativos a 1º de maio e o restante para completar a perda inflacionária em dezembro.

Assim, o impasse se mantém. Assim como se mantém as mobilizações nas fábricas.

Pra economizar recursos, o novo governo do Estado cancelou as nomeações de concursados para a segurança pública. Pra piorar a situação, cortou as horas extras dos policiais. Assim, com menos efetivo nas ruas, começam a pipocar notícias de homicídios, roubos e assaltos a pedestres e bancos, tráfico de drogas, furto de veículos, entre outros crimes. Hoje, os cidadãos que pagam inúmeros impostos vivem uma enorme sensação de insegurança. Inclusive já há um clamor popular por mais segurança pública.

Estranhamente, em várias mobilizações que o sindicato dos metalúrgicos faz em algumas portas de fábrica para cumprir a determinação da assembleia, aparecem várias viaturas com vários policiais munidos de armas, cacetetes, coletes à prova de balas etc. Não pra manter a ordem e cuidar da segurança das pessoas, mas para atender ao pedido de patrões pra coibir e, se for o caso, reprimir as mobilizações e colocar para dentro da empresa pessoas que participam do movimento.

Enquanto a população vive uma sensação e uma realidade de insegurança nos bairros por pura falta de policiamento nas ruas, sobram policiais que atendem de prontidão o pedido de alguns empresários metalúrgicos de nossa base para ajudá-los a combater dirigentes sindicais desarmados, que promovem mobilizações justas, ordeiras e pacíficas em portas de fábrica.

Portanto, aparentemente, os patrões metalúrgicos estão tratando a campanha salarial como caso de polícia e os dirigentes sindicais

como criminosos. São eles que chamam aqueles que deveriam zelar pela segurança pública para fazer segurança privada de suas empresas. E, o que é pior, as forças policiais acabam sendo subservientes a eles, causando tumulto e tensão nos locais onde até a chegada deles reinava a paz. Em algumas situações, ameaçaram multar os veículos do sindicato, romper a obstrução dos portões e deter quem descumprisse suas ordens, alegando o "direito de ir e vir" das pessoas e a ameaça de "desacato à autoridade", sempre ignorando o direito de livre organização sindical e outros direitos da classe trabalhadora, como a liberdade de fazer greves e paralisações para protestar ou reivindicar direitos consagrados, como recuperar o poder de compra dos salários da categoria.

Afinal, a segurança pública está a serviço de quem, senhor governador Zé Ivo Sartori?



Ação patronal e antissindical da polícia

MOBILIZAÇÕES NAS FÁBRICAS

Paralisações elevam o tom, o calor e a tensão da campanha salarial

Seguindo a decisão da assembleia geral realizada no dia 29 de julho, que rejeitou a proposta patronal e decretou Estado de Greve, dirigentes do sindicato dos metalúrgicos deram início a uma jornada diária de paralisações nas fábricas da categoria. O calor e a ausência da chuva nas últimas semanas contribuíram para elevar o tom e a tensão das mobilizações.

Na terça-feira, dia 4, os trabalhadores da Maxiforja paralisaram o dia inteiro. Na quinta-feira, dia 6, foi a vez de outra grande empresa, a Agco. Nas primeiras horas da manhã, os trabalhadores foram orientados a retornarem às suas casas e a adesão da paralisação foi de 100%, sem qualquer tentativa dos trabalhadores de entrarem na fábrica. Na sexta-feira, foi a vez da Metalmolos, que tem em sua direção um dos patrões que participam da mesa de negociações. A paralisação foi encerrada por volta das 10 horas.

Na semana seguinte, dia 10, segunda-feira, outra grande empresa foi paralisada. Os mais de 700 trabalhadores e trabalhadoras da Midea Carrier, mais os terceirizados, foram convidados a voltar para suas casas e a direção do sindicato permaneceu no local para estender a paralisação para outros turnos. No dia seguinte, 11 de agosto, terça-feira, a chuva atrapalhou mas não impediu que a mobilização fosse feita durante a manhã na Forjasul. Uma lona foi estendida para abrigar os trabalhadores/as. Infelizmente, alguns deles que não compreendem a

**AGCO****FORJASUL****CEL****MIDEA CARRIER**

importância da mobilização pularam cercas e muros para entrar. Na madrugada seguinte, 12 de agosto, as duas empresas coligadas da Alstom, a Alstom Geradores e a Alstom Eólica, também foram paralisadas. A paralisação foi total e todos os trabalhadores/as, inclusive das terceirizadas, foram para casa. Na quinta-feira, dia 13, a vez foi da Liess (foto na página 1). Trabalhadores cruzaram os braços e se negaram a entrar na empresa, mesmo com a intervenção dos diretores que utilizaram a segurança pública para atrapalhar a assembleia no portão da empresa e pressionar o pessoal para entrar. Na sexta-feira, dia 14, mais uma vez o aparato do Estado foi usado pelo patrão para forçar a entrada das trabalhadoras. Desta vez pela Siemens, que sequer dignou-se a conceder ao menos uma antecipação salarial das perdas causadas pela inflação entre maio/2014 e abril/2015, deixando seus empregados/as no maior sufoco. A fábrica ficou parada das 5h às 10h, quando foi fechado um acordo entre as direções da empresa e do sindicato, com a participação da Brigada Militar, para o fim da mobilização.

Na terceira semana do mês de agosto, as mobilizações continuaram. Como na segunda-feira, dia 17 de agosto, não houve nenhum avanço na mesa de negociação, o sindicato retomou as mobilizações na terça-feira. A empresa escolhida foi a CEL, do presidente do sindicato patronal, que tem menos de 10 funcionários. A paralisação foi interrompida no meio da manhã pela Brigada Militar, que mais uma vez se prestou ao papel de exercer a mando do patrão uma prática antissindical.

Boicote às horas extras

O sindicato já vinha promovendo o boicote às horas extras de algumas importantes empresas, como a Alstom, Maxiforja, Agco e Midea, mas, diante do impasse nas mesas de negociação, vai cumprir à risca a deliberação da soberana assembleia geral e manter e até ampliar esta mobilização.

Neste caso, a direção do sindicato pede a colaboração dos convocados a aderirem ao boicote das horas extras. Afinal, se as empresas estão em crise a ponto de não conceder de forma justa o reajuste para recuperar as perdas inflacionárias de seus empregados, por que precisam fazer horas extras?

**MAXIFORJA****METALMOLAS****ALSTOM****SIEMENS****EXPEDIENTE**

O jornal A Vez e a Voz do Peão é uma publicação do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas e Nova Santa Rita - STIMMEC

Endereço: Rua Caramuru, 330 - Centro - Canoas/RS - Fone DDG: 0800.6024955 - Site: www.sindimetalcanoas.org.br - Email: contato@sindimetalcanoas.org.br - Facebook: /sindicato.metalurgicodecanoas - Colônia de Férias: (51) 3683.1819 - Presidente: Paulo Chitolina - Vice-presidente: Silvío Roberto Lopes Bica - Secretário de Imprensa: André Severo Soares (Índio) - Assessoria de Imprensa: Geraldo Muzykant (Reg. Prof. n° 8658) e Rita Correa Garrido - OBS.: A reprodução total ou parcial do conteúdo deste jornal é permitida desde que citada a fonte.